

*Os irmãos dali, ao ouvirem [coisas] a nosso respeito, vieram ao nosso encontro até ao Foro de Ápio e Três Tabernas. Paulo, ao vê-los, deu graças a Deus e tomou ânimo.*

137

Atos  
28:15

## **Fim da viagem para Roma**

O pequeno grupo partiu acompanhado de mais de cinquenta cristãos de Pozzuoli, que seguiram o ex-rabino até *Fórum de Ápio*, em cavalos resistentes, montando carinhosa guarda aos carros dos guardas e prisioneiros. Nessa localidade, distante de Roma quarenta e poucas milhas, aguardava o Apóstolo dos Gentios a primeira representação dos discípulos do Evangelho na cidade imperial. Eram anciães comovidos, cercados por alguns companheiros generosos, que, por pouco, carregavam o ex-rabino nos braços. Júlio não sabia como disfarçar a surpresa que lhe ia na alma. Jamais viajara com um prisioneiro de tamanho prestígio. De *Fórum de Ápio* a caravana demandou o sítio denominado “As Três Tavernas”, acrescida agora do grande veículo que levava os anciães romanos, e sempre rodeada de cavaleiros fortes e bem-dispostos. Nessa região, singularmente nomeada, em vista do grande conforto de suas hospedarias, outros carros e novos amigos esperavam Paulo de Tarso com sublimes demonstrações de alegria. O Apóstolo, agora, contemplava as regiões do Lácio empolgado por emoções suaves e doces. Tinha a impressão de haver aportado a um mundo diferente da sua Ásia cheia de combates acerbos.

Com permissão de Júlio, a figura mais representativa dos anciães romanos tomara assento junto de Paulo, naquele jubiloso fim de viagem. O velho Apolodoro, depois de certificar-se da simpatia do chefe da coorte pela doutrina de Jesus, tornou-se mais vivo e minucioso no seu noticiário verbal, atendendo às perguntas afetuosas do Apóstolo dos Gentios.

— Vindes a Roma em boa época — acentuava o velhinho em tom resignado —; temos a impressão de que nossos sofrimentos por Jesus vão ser multiplicados. Estamos em 61, mas há três anos que os discípulos do Evangelho começaram a morrer nas arenas do circo pelo nome augusto do Salvador.

— Sim — disse Paulo de Tarso sollicitamente. — Eu ainda não havia sido preso em Jerusalém, quando ouvi referências às perseguições indiretas, movidas aos adeptos do Cristianismo pelas autoridades romanas.

— Não são poucos — acrescentou o ancião — os que têm dado seu sangue nos espetáculos homicidas. Nossos companheiros têm caído às centenas, aos apupos do povo inconsciente, es-traçalhados pelas feras ou nos postes do martírio...

O centurião, muito pálido, interrogou:

— Mas como pode ser isso? Há medidas legais que justifiquem esses feitos criminosos?

— E quem poderá falar em justiça no governo de Nero? — replicou Apolodoro com um sorriso de santa resignação. — Ainda agora, perdi um filho amado nessas horrorosas carnificinas.

— Como? — tornou o chefe da coorte admirado.

— Muito simplesmente — esclareceu o velhinho — os cristãos são conduzidos aos circos do martírio e da morte, como escravos faltosos e misérrimos. Como ainda não existe um fundamento legal que justifique semelhantes condenações, as vítimas são designadas como cativos que mereceram os suplícios extremos.

— Não existe um político, ao menos, que possa desmascarar o torpe sofisma?

— Quase todos os estadistas honestos e justos estão exilados, para não falar dos muitos induzidos ao suicídio pelos prepostos diretos do Imperador. Acreditamos que a perseguição declarada aos discípulos do Evangelho não tardará muito. A medida tem sido retardada somente pela intervenção de algumas senhoras convertidas a Jesus, que tudo têm feito pela defesa de nossos ideais. Não fora isso, talvez a situação se revelasse mais dolorosa.

— Precisamos negar a nós mesmos e tomar a cruz — exclamou Paulo de Tarso, compreendendo o rigor dos tempos.

— Tudo isso é muito estranho para nós outros — ponderou Júlio acertadamente —, pois não vemos razão para tamanha tirania. É um contrassenso a perseguição aos adeptos do Cristo, que trabalham pela formação de um mundo melhor, quando por aí medram tantas comunidades de malfeitores, a reclamarem repressão legal. Com que pretexto se promove esse movimento sorrateiro?

At  
28:15

Apolodoro pareceu concentrar-se e replicou:

— Acusam-nos de inimigos do Estado, a solapar-lhe as bases políticas com ideias subversivas e destruidoras. A concepção de bondade, no Cristianismo, dá azo a que muitos interpretem mal os ensinamentos de Jesus. Os romanos abastados, os ilustres, não toleram a ideia de fraternidade humana. Para eles o inimigo é inimigo, o escravo é escravo, o miserável é miserável. Não lhes ocorre abandonar, por um momento sequer, o festim dos prazeres fáceis e criminosos, para cogitar da elevação do nível social. Raríssimos os que se preocupam com os problemas da plebe. Um patricio caridoso é apontado com ironias. Em um tal ambiente, os desfavorecidos da sorte encontraram no Cristo Jesus um Salvador bem-amado, e os aventos um adversário a eliminar, para que o povo não alimente esperanças. Examinada essa circunstância, podemos imaginar o progresso da doutrina cristã, entre os aflitos e pobres, tendo-se em vista que Roma sempre foi um enorme carro de triunfo mundano, que segue com os verdugos autoritários e tirânicos na boleia, cercado de multidões famintas, que vão apanhando as migalhas de sobejo. As primeiras pregações cristãs passaram despercebidas, mas quando a massa popular demonstrou entender o elevado alcance da nova doutrina, começaram as lutas acerbadas. De culto livre em suas manifestações, o Cristianismo passou a ser rigorosamente fiscalizado. Dizia-se que nossas células eram originárias de feitiçarias e sortilégios. Em seguida, como se verificaram pequenas rebeliões de escravos, nos palácios nobres da cidade, nossas reuniões de preces e benefícios espirituais foram proibidas. As agremiações foram dissolvidas à força. Em vista, porém, das garantias de que gozam as cooperativas funerárias, passamos a nos reunir alta noite no âmago das catacumbas. Ainda assim, descobertos pelos

sequazes do Imperador, nossos núcleos de oração têm experimentado pesadas torturas.

— É horrível tudo isso! — exclamou o centurião compungido — e o que admira é haver funcionários dispostos a executar determinações tão injustas!...

Apolodoro sorriu e acentuou:

— A tirania contemporânea tudo justifica. Não levais, vós mesmo, um Apóstolo prisioneiro? Entretanto, reconheço que sois dele um grande amigo.

A comparação do velho e arguto observador fez empalidecer ligeiramente o centurião.

— Sim, sim — murmurava ele, tentando explicar-se.

Paulo de Tarso, todavia, reconhecendo a posição e o embaraço do amigo, acudiu esclarecendo:

— A verdade é que não fui encarcerado por malvadez ou inópia dos romanos, desconhecedores de Jesus Cristo, mas por meus próprios irmãos de raça. Aliás, tanto em Jerusalém como em Cesareia, encontrei a mais sincera boa vontade dos prepostos do Império. Em tudo isso, amigos, preponderam as injunções do serviço do Mestre. Para o êxito indispensável dos seus esforços remissores, os discípulos não poderão caminhar no mundo sem as marcas da cruz.

Os interlocutores entreolharam-se satisfeitos. A explicação do Apóstolo vinha elucidar completamente o problema.

O grupo numeroso alcançou Alba Longa, onde novo contingente de cavaleiros esperava o valoroso missionário. Daí até Roma, a caravana moveu-se mais vagarosa, experimentando sublímadas sensações de alegria. Paulo de Tarso, muito sensibilizado, admirava a beleza singular das paisagens desdobradas ao longo da Via Ápia. Mais alguns minutos e os viajores atingiam a Porta Capena, onde centenas de mulheres e crianças aguardavam o Apóstolo. Era um quadro comovente!

O cortejo parou para que os amigos o abraçassem. Eminentemente emocionado, o centurião acompanhou a cena inesquecível, contemplando anciãs de cabelos nevados osculando as mãos de Paulo, com infinito carinho.

O Apóstolo, enlevado naquelas explosões de afeto, não sabia se havia de contemplar os panoramas prodigiosos da “cidade das sete colinas”, se paralisar o curso das emoções para prosternar-se em espírito, em um preito justo de reconhecimento a Jesus.

Obedecendo às ponderações amigas de Apolodoro, o grupo dispersou-se.

---

At  
28:15

*(Paulo e Estêvão. FEB Editora. Segunda parte – Cap. 9, p. 448 a 452)*